



NOGUEIRA, Márcia Pompeo. **A pesquisa da história local no trabalho teatral em comunidades**. Florianópolis: Universidade do Estado de Santa Catarina. Professora do Programa de Pós Graduação em Teatro do Centro de Artes da UDESC

RESUMO

Olhando para minhas práticas de teatro em comunidades, há dois processos criativos, desenvolvidos com crianças e jovens de Ratonés, em Florianópolis, baseados em dados coletados sobre o passado da comunidade: *A outra história do Boi*, desenvolvido em 1996, e *O Quintal Esquecido*, criado em 2004. Ambas as experiências contribuíram para gerar performances que foram calorosamente recebidas pelos membros da comunidade. As pesquisas aliaram ficção e realidade, gerando um processo aberto de memória que não caracterizou o passado como idílico e exclusivo de parte da comunidade.

PALAVRAS-CHAVE: teatro: história: comunidade.

ABSTRACT

Looking back to theatre practices I was involved in, there are two creative processes, developed with children and young people from Ratonés, in Florianópolis, [Brazil] based on data collected about the community past: *The Other History of the Bull*, developed in 1996, and *The Forgotten Garden*, devised in 2004. Both experiences contributed to generate performances that were warmly received by the community members. The research linked reality and fiction, generating an open process of memory, which did not idyllically characterized the community past as exclusive to part of its community members.

KEY WORDS: theatre: history: community.

O Teatro com base na pesquisa da história da comunidade

O resgate de histórias pessoais e locais é parte integrante de inúmeros processos teatrais em contextos comunitários, enquanto afirmação e resgate de identidades. Eugene van Erven (2001, p.3), destaca, a partir de pesquisa sobre grupos teatrais que atuam em comunidades dos cinco continentes, que apesar da diversidade de estilos com que se manifestam, essas práticas se unem por sua ênfase nas histórias pessoais e/ou locais.

Seu material e forma estética sempre emergem diretamente (se não exclusivamente) da comunidade, cujos interesses se tenta expressar. Teatro na comunidade portanto é uma forma artística potente que permite que grupos de pessoas que já foram amplamente silenciados (ou silenciados) possam somar suas vozes para a cada vez mais diversa, intrincada e interrelacionadas culturas local, regional, nacional e internacional.

A pesquisa da história da comunidade se insere como uma das possibilidades de trabalho nesta linha. Helen Nicholson (2005) identifica alguns argumentos contrários a esta prática, dizendo que a afirmação da identidade de um grupo

pode também levar a conflitos ligados à competição de identidades. Nesta direção, a autora nos oferece a perspectiva de Iris Marion Young, para quem “construções simbólicas idealizadas, não somente ligam as pessoas, mas atuam também como um meio poderoso de exclusão, separando *eles* de *nós*”. (83-84). Este ponto de vista nos leva a refletir sobre o que buscamos com o resgate da identidade de uma comunidade:

Em termos de construção da comunidade, portanto, projetos de drama que focam em construções simplificadas de identidades locais, compartilham histórias e unidades ideológicas para a exclusão do diferente e da diversidade, tendem a reforçar imagens mais conservadoras da “alteridade”, às vezes associadas com localismo. (84)

Estas duas perspectivas do resgate de identidade no contexto comunitário - de identidades silenciadas e de simplificação conservadora e excludente - no mínimo apontam para a complexidade deste tipo de abordagem. A alternativa proposta por Nicholson (2005), seguindo a perspectiva de Avtar Brash e Vered Amit, aponta para o papel do teatro de negociar relações e de redefinir identidades através de uma abertura poética que inclua identidades imaginadas:

Seguindo Brah, quero explorar como interpretações imaginativas da história podem intervir no futuro, reorganizando identidades do passado na representação do presente. (86)

Gostaria de situar este artigo a partir destes argumentos. Pretendo assim apresentar algumas alternativas usadas em trabalhos teatrais com crianças e jovens, para estimular o contato do grupo com aspectos da história de sua comunidade. Meu objetivo é refletir sobre o significado e as possibilidades da pesquisa da história em trabalhos teatrais feitos em contextos comunitários.

As duas práticas de teatro que pretendo analisar aconteceram em Ratonos: a primeira *A outra história do Boi*, realizada em 1995, numa fase em que as atividades teatrais na comunidade estavam baseadas em projetos propostos a partir da universidade, e a segunda, *O Quintal Esquecido*, realizada em 2005, quando o teatro passou a ser coordenado por jovens da comunidade, ainda em diálogo com a universidade.

Boi de Mamão e outras histórias

A origem do processo criativo da peça *A outra história do Boi* está ligada a uma pergunta: se Ratonos, em função de sua localização sofre menos influência do turismo e da especulação imobiliária do que outras comunidades de Florianópolis, por que a tradição do *Boi de Mamão* não foi ali preservada? Esta pergunta guiou uma investigação na comunidade e nos trouxe conteúdos e hipóteses.

Diferentes procedimentos de pesquisa possibilitaram o resgate dos versos, da música, dos personagens, enfim, aspectos específicos desta manifestação em Ratonos. A partir deste processo o *Boi de Mamão* de Ratonos, com toda sua especificidade, foi revivido por seus moradores¹.

Durantes o resgate do *Boi de Mamão*, uma entrevista nos pareceu intrigante. Falava do assassinato, durante uma apresentação, da pessoa que brincava no miolo do boi, e que isso levou ao fim da brincadeira, em Ratonés. Não pudemos confirmar este relato, mas o escolhemos como foco de uma criação teatral. O que nos interessava era seu significado simbólico, relativo à morte das tradições populares na comunidade.

Nossa hipótese sobre as consequências deste assassinato na comunidade foi desenvolvida a partir de pesquisa sobre a figura do boi e de investigação teatral, feita a partir de improvisações e do teatro de sombras. O processo criativo envolveu cerca de 30 crianças e jovens de Ratonés.

A história criada começa com uma apresentação de *Boi de Mamão*. A morte da pessoa que fazia o miolo do boi, interrompe a brincadeira. Seguindo um fragmento de uma história de literatura de cordel pesquisadaⁱⁱ, a comunidade é assolada por uma peste que vai matando todo o gado, empobrecendo a comunidade e deixando seus moradores desesperados. Misteriosamente, no cenário de morte dos animais, um boi enorme, que não parava de crescer, retorna para a comunidade. Para resolver os problemas, famílias que se hostilizavam voltam a se aproximar. A solução encontrada coletivamente faz referência ao enredo do *Boi de Mamão*, chamando um médico para examinar o boi. Como ele não resolve o problema, uma feiticeira é chamada. Ela descobre que o boi era de fato uma vaca grávida, que dá luz a um novo boi da brincadeira, a um novo *Boi de Mamão*.

Para criar este enredo, alternamos fantasia e realidade. De um lado situamos a peça numa comunidade fictícia, que foi batizada pelas crianças de *Vila Aguiar*. O grupo se estruturou em duas famílias, cada participante deveria escolher nomes, relações de parentesco, e a ocupação das pessoas em cada núcleo familiar. Cada sub-grupo posou para a "foto de família" tradicional. Entretanto, para a construção dos personagens, propusemos que procurassem algum adereço ou adorno que pertencesse a pessoas reais de Ratonés. Alguns dos objetos trazidos foram extremamente significativos, como o cajado, trazido por Natanael, cujo personagem era o patriarca de uma das famílias. A construção de seu personagem virou um pretexto para ele se aproximar do avô, dono do cajado, a quem ele passou a visitar com frequência para falar sobre a "Ratonés do passado". Ao fazer isso, ele também redescobriu aspectos de sua história: "Eu descobri que costumava colher café com meu avô, aqui na frente, onde todas estas casas estão agora" (testemunho feito na avaliação do projeto, em 1996).

Pedimos ao grupo para desenhar os "ONDES" da *Vila Aguiar*. Praças, igrejas, bares, casas grandes e pequenas foram materializados. Os personagens criados atuavam nestes locais da comunidade fictícia, mas de uma forma ou de outra retratavam o cotidiano de Ratonés.

As ligações entre a renovação do *Boi de Mamão* de Ratonés e o processo teatral tiveram várias dimensões, inclusive a incorporação do relato de uma pessoa que participou da noite em que o *Boi de Ratonés* foi revivido, no salão da igreja. Ela mencionou que reviver o *Boi* era muito importante, mas era

diferente do passado. Naquela época não havia eletricidade em Ratonés. Quando o *Boi* passava na rua, se algum morador quisesse que ele fosse dançado no seu quintal, colocava uma vela na janela. Decidimos incorporar esta imagem na peça. Criamos uma tela de sombras no fundo do palco e, através de silhuetas de casas, construídas a partir dos desenhos que as crianças tinham feito ao longo do processo, e contamos esta história. No início do espetáculo havia apenas duas casas, uma luz se aproximava da janela de uma dessas casas, o que marcava a entrada dos músicos e o início da brincadeira do *Boi* na peça. Ao longo do espetáculo o número de casas ia aumentando, cena por cena, até que, no final, a tela ficava repleta de casas.

A estréia do espetáculo, em Ratonés, foi um grande evento! O salão estava lotado, com pessoas de todas as idades. A grande maioria nunca tinha ido a um teatro. A reação do público era viva, elétrica. Ouviam-se comentários sobre os eventos que viam, e muitos risos. Esta, aliás, foi uma grande surpresa para nós: a peça era uma comédia. A comunidade ria porque gostava da interpretação leve das crianças e jovens da sua comunidade e também porque se identificava nas cenas da peça.

Brincadeiras no Quintal de Antigamente

O outro processo teatral, *O Quintal Esquecido* foi criado com o objetivo de refletir sobre as brincadeiras das crianças hoje.

Observando os jogos e brincadeiras de hoje, notamos que não são sempre criados pelas crianças, mas que já vêm prontos e empacotados com aspectos e regras definidos, restringindo, muitas vezes, o uso da imaginação. Quem imagina, quem cria, e quem estipula as regras não é a criança, e sim quem inventou o jogo ou a brincadeira. Sendo assim, a criança passa a ser mera consumidora daquilo que já foi criado, não podendo utilizar sua capacidade, suas fantasias que, neste período de sua vida, deveriam estar sendo bastante estimuladas. (Machado; Ferreira, 2004, s/p)

Outro objetivo do projeto era fortalecer a comunidade de Ratonés, através de um trabalho de investigação do passado da comunidade, apoiado principalmente em duas atividades. Uma oficina de reminiscências, realizada com os familiares das crianças e outros membros da comunidade, para saber do que brincavam no passado. Foi um encontro rico, vários adultos vieram. Havia pessoas de diferentes origens, alguns nasceram em Ratonés, e outros eram recém-chegados e não tinham a menor idéia sobre a história de Ratonés. Isso permitiu um intercâmbio de conhecimentos sobre as semelhanças e diferenças de suas infâncias. Durante este workshop aprendemos muitos novos jogos e danças específicos da história de Ratonés, que foram incluídos na peça.

A outra atividade de pesquisa sobre as brincadeiras do passado baseou-se no método de Ilo Krugli, para quem o quintal é um espaço menos estruturado e aberto que nos permite jogar livremente e identificar imagens do inconsciente coletivo.

O quintal é um espaço livre, onde a criança pode ser mais autônoma, independente. Neste sentido, ele aparece como um espaço privilegiado para esse contato com as imagens arquetípicas. É também um espaço de convivência, de contatos com a cultura popular e com elementos da natureza (ar, água, terra e fogo), que favorecem as imagens e as lembranças. (Nogueira, 2008: 92)

A oficina ocorreu num pasto vizinho à escola, que tem pedras, árvores e rio. Um espaço em Ratonos que resiste com muita dificuldade às transformações ambientais que a comunidade vem presenciando nos últimos anos. Neste espaço, delimitamos com panos e cordas a área de jogo. A proposta era entrar num quintal que guardava os segredos do passado. Caminhando ao redor deste território demarcado, buscando um estado de concentração e dilatação dos sentidos, ouviam a instrução: "Caminhem e sintam o contato dos seus pés com as folhas do chão e imaginem quantas pessoas já fizeram esse caminho. Deixem seus pés guiarem vocês para uma viagem no tempo. Entrem no quintal de antigamente." (registro da atividade pela autora, em 2005). Um passo para dentro e a vida desse quintal era renovada pela ação das crianças.

Desta forma aqui também fantasia e realidade se mesclaram no processo criativo. Havia dados do passado da comunidade que eram compartilhados, como nas danças e brincadeiras, mas também dados do imaginário do grupo, do passado da humanidade.

Analisando a abordagem histórica da comunidade de teatro

Em ambos processos utilizamos diferentes estratégias para a pesquisa de histórias pessoais e locais: entrevistas, inclusão de objetos de pessoas reais de Ratonos, oficina com adultos para aprender jogos e danças do passado, sem contar o resgate do Boi de Mamão da comunidade. Estas estratégias trouxeram informações do passado, que se tornaram públicas, durante as oficinas e através das apresentações. É interessante notar que, apesar dos elementos ficcionais das duas peças criadas, elas traziam "personagens" e "cenas" profundamente relacionados com a vida na comunidade. De outro lado houve uma viagem imaginária ao passado para além dos limites da comunidade.

O teatro é um importante veículo para afirmar a identidade de comunidades. No processo de criação e nas apresentações, penso que a memória da comunidade pode ser ativada pelo aspecto coletivo da experiência. O público pôde vê-las, comentar seu conteúdo e, dessa forma, reavivar sua memória. Estes vestígios do passado foram lembrados e coletivamente foram redescobertos pelo público da comunidade, e, portanto, adquiriram uma relevância coletiva.

Entretanto os aspectos ficcionais das peças, não permitiram que a memória resultasse numa idealização simplista do passado, deixando-a sempre permeada de elementos novos, surpreendentes em que todos podiam se sentir incluídos.

Referências Bibliográficas

BARROS, Leandro Gomes. *História do Boi Misterioso e outros cordéis*. São Paulo: Hedra, 2004.

Van ERVEN, Eugene. *Community Theatre: global perspectives*. London: Routledge, 2001.

MACHADO, N.; FERREIRA, R. "Teatro e da Renovação de jogos de Ratores passado". (não publicado)

Nicholson, Helen. *Applied Drama: the gift of theatre*. Basingstoke: Palgrave MACMillan, 2005.

NOGUEIRA, Marcia Pompeo. *Teatro com Meninos de Rua*. São Paulo: Perspectiva, 2008.

SPOLIN, Viola. *Improvisação para o Teatro*. (São Paulo, Perspectiva, 1982).

Notas

i

Sob a coordenação de Reinaldo Manoel Gonçalves.

ii *O Boi Misterioso*, de Leandro Gomes de Barros.